

## Gravação: TdM43\_Podemos Curtir Artistas Cretinos?

Duração do Áudio: 01:39:08

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Reinecken
Orador B	Hugo Leonardo
Orador C	Josuel Junior
Orador D	André Thieme

“Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal”

Orador A: como nós somos, talvez, um dos únicos ou o único podcast sobre artes cênicas, às vezes a gente peca em entrar muito, muito a fundo nos temas muito técnicos e às vezes o público reclama. Às vezes, o público manda e-mail e fala “Poxa, dá uma aliviada aí, porque eu não sou nada da arte, eu não conheço nada mas eu adoro ouvir vocês falando sobre coisas artísticas e tal.” E eu mais... E mais ou menos há, sei lá, uns cinco, seis meses, eu tenho visto um movimento que, talvez, tenha começado lá em 2013, mas um movimento de muita crítica social baseada em produtos artísticos. A primeira vez que eu vi esse lance acontecer, essa coisa que me alertou, que fez a gente criar esse episódio de hoje, foi o lance dos, do museu lá com... Eu vou falar o nome disso, mas se quiser bota “pi” porque a gente evita ficar falando palavrão no nosso podcast, mas foi o lance do MBL. O MBL fez... Fez um movimento contra o museu lá, né? Do Queer Museu e rolou um movimento meio contra. Você vê pessoas criticando Chico Buarque, criticando Caetano Veloso e falando mal e sentando a lenha nos

caras porque os caras se posicionam politicamente. E, aí, isso é um... Isso pode ser um problema, mas, às vezes, no caso do Museu, foi um pouco além, foi um pouco da questão ideológica. Porque a exposição falava de um tema que, talvez, fosse sensível a você, aí você acha que os artistas são umas merda que tem que apagar tudo e começa essa crítica. E esse lance começou a andar um pouco mais pras redes sociais, de repente você vê um crescente movimento que é falar mal, criticar, bater, xingar, menosprezar detestar produtos artísticos. Beleza. Esse foi um ponto, uma coisa que vem vindo, eu tenho notado e fico assustado, mas, ao mesmo tempo, existem momentos nessas críticas que são levantadas por coisas que eu mesmo paro e falo “Ué, aí, talvez a pessoa tem razão”. A pessoa chega e fala “Ah, mas o Bryan Singer é um idiota, é um boçal, é um diretor merda, os filmes dele não pode mais nem ser visto”. Você fica “Que é isso cara, os filmes dele são ótimos. Os primeiros filmes deles são maravilhosos e tal”. “É, mas ele tá sendo acusado de pedofilia e prostituição infantil”. E, aí, acende aquele alerta tipo “Sério? Não sabia”. Aí, você vai ler e você começa a descobrir que, talvez, seja verdade. Talvez, o cara esteja envolvido numa parada muito sinistra. E, aí, fica a grande questão, como que a gente assiste o filme do cara depois? Um filme que ele fez, sei lá, seis anos antes de você saber que agora ele é um grande pedófilo, canalha, cretino, se for o caso disso. E, aí, você vai assistir o filme dele de novo e vai conseguir eliminar essa imagem? Como que a gente faz pra escutar um disco do Lobão, hoje?

Orador C: É bem delicado.

Orador A: O Lobão fez um dos melhores discos do Acústico MTV, cara. Fantástico, o disco Acústico MTV. Mas, aí, você acompanha o Lobão no Twitter, como que você faz pra ouvir o disco dele depois?

Orador D: Ou ver o Show dele.

Orador A: Sabe dessa moralidade, onde tá essa desgraça? Não sei, também, a gente tava nessa angústia. Aí, a gente resolveu trazer essa angústia pra vocês, ouvintes. Vocês também têm problemas de consumir produtos artísticos que você descobriu que os artistas realmente são canalhas, cretinos, boçais e desprezíveis? O quão vocês conseguem levantar de problema e o quão vocês conseguem passar o pano pro artista que você realmente admira, ama de paixão e fez parte da sua vida, mas você descobriu questões pessoais da vida dele que fazem você ficar com dúvida até do produto artístico que, às vezes, não é exclusivamente dele? Você tem um filme e um filme pode ser envolvido centenas, às vezes milhares de pessoas envolvidas para o filme existir. Pessoas que tão, assim, desenvolvendo a sua vida em função daquele filme. Pessoas que apostaram tudo, largaram, venderam tudo que tinha, deixaram pra trás e correram pra Los Angeles pra tentar uma carreira, tão lavando chão, lavando privada de outras pessoas pra poder conseguir dinheiro pra pagar uma escola de atuação, pra conseguir entrar numa audição, pra, de repente, passar e ser uma ponta num filme que você disse que o diretor é pedófilo e você boicotou o filme. E aí, cara? Como fica todo esse movimento e essa dor, essa... Esse paradoxo da angústia ou essa... Como é que chama isso, é um paradoxo da moralidade, né? Esse paradoxo de moralidade é o que a gente vai tentar falar, hoje, aqui no trabalho de mesa. Um programa bem leve...

Orador B: Só esse assunto, já me deu uma palpitação aqui. Eu juro que eu acho que pode ser uma síndrome do pânico.

Orador C: Mas é delicado mesmo, porque a sensação que dá é que quando você fala que as pessoas julgam, a gente tá falando sobre o prisma do outro. Mas a gente também julga muito os artistas, os produtos que a gente consome e a gente também se vê nesse choque de moralidade. Querendo ou não, a gente... A gente se imbuí dessa raiva, a gente fica imbuído dessa raiva, a gente fica imbuído dessa ira, dessa cólera coletiva. Uma, a gente segue uma moda, uma tendência da vida. Se você, por exemplo, fala do Alexandre Frota, ok, o Alexandre Frota nunca foi um exímio artista, nunca fez uma obra que você fala “Nossa, você lembra aquela novela ou aquele filme do Alexandre Frota?”, você não lembra, você sabe que ele é um artista com papéis medianos em produtos medianos ou subprodutos. Mas, de repente, quando ele passa a fazer participação na indústria pornô, você tem os curiosos que dizem que não vão ver, mas que vão ver porque querem saber como é que funciona esse negócio do Alexandre Frota fazendo filme pornô e, como não afeta a nossa vida, você vê o cara tá, beleza, fez a performance dele, não me afeta muito porque ele não foi uma pessoa que eu consumi. Agora, a partir do momento em que ele é cogitado pra ser ministro da cultura de um país, e, aí, claro, dentre tantas outras idas e vindas desse governo que a gente tá tendo, aí, chega do nosso lado, também, uma raiva incondicional. Aí, a gente vai querer colocar que um cara que fez filme pornô não pode ser o Ministro da Educação. Aí a gente começa a execrar a questão do filme pornô como se esse fosse determinante pra moldar o caráter de um cara que, um dia, foi o próprio público que votou pra ele ganhar na Casa dos Artistas. Olha como é uma dicotomia muito doida. Então, a gente fica sempre nesse lugar de julgar e não admite que também consome. E, depois de consumido, você não vai ver uma reprise da Casa dos Artistas. Você não vai ver, sei lá, uma reprise de um filme pornô do Alexandre Frota, no máximo passa um Roque Santeiro e você fala “Olha, lá, o Alexandre Frota fazia Roque Santeiro, eu nem lembrava”. Mas a gente também quando vai defender ou uma categoria ou um estilo de vida ou uma filosofia, a gente execra pesado.

Orador B: Ah, mas eu assistiria uma cena do filme pornô do Alexandre Frota, tranquilo.

Orador C: Ah, eu já vi, assim...

Orador A: É porque tem esse lance, é um limbo muito doido, né? Porque, às vezes, as pessoas colocam que o problema é o cara ter feito filme pornô. Eu vejo muito isso. “Ah, mas o cara é um artista pornô”. Eu acho isso meio bobo, sabe? E daí que o cara é um artista pornô? Qual é o problema do filme pornô?

Orador B: É, o problema é ele ser descapacitado...

Orador A: Isso.

Orador B: Ele não ter uma habilidade pra aquela função, que é ser ministro da cultura de um país. Eu não posso, claro, me basear em cima dos produtos de massa, mas...

Orador A: Claro, mas é que, às vezes, o argumento, eu entendo... É que às vezes, o argumento é: O cara é um artista pornô. “O cara é pornô”. E daí, cara? Qual é o... Qual é o

lance que o pornô tem? Ou, às vezes, também entra, e é por isso que eu acho que é um limbo meio doido... Às vezes fala... Quando tavam falando do Aécio Neves, né? Que não é um artista, e a gente não vai ficar falando sobre desvios de caráter por aí afora. A ideia é sempre falar de desvios de caráter de artistas, que mudou nossa relação com produto artístico, esse é o foco. Mas... Mas vamos fazer só um paralelo. Quando você pega uma das críticas... Muito que falavam do Aécio Neves, era que ele cheirava pó. “Ah, o cara é um cara do cheira pó. Cheira pó”. E a crítica é muito “Cheira pó”. E é meio moral, você fica “Mas e daí, que o cara cheira pó?” Aí, tem pessoas que falam “Ah, mas é uma coisa ilegal”, que tem... Entendeu? Tipo, entra nesse lugar também. E é muito difícil porque às vezes a pessoa só é... Sei lá, ela só é meio desviada.

Orador B: Viciada, mesmo.

Orador C: A questão predominante é falar da corrupção.

Orador A: Ela é mais desviada num sentido mais artístico não tanto mas na vida pessoal ela é. E, aí, você vai... Vai querer dizer que o produto artístico que ele fez realmente tá atrelado a pessoa dela, hoje. Como o José colocou.

Orador C: Total.

Orador A: Existe o Alexandre Frota falando no Congresso, hoje... Ele não é... O produto artístico que ele fez na década de noventa, não é esse cara mais, sabe? Ele não é mais essa pessoa. Então, aquele produto não precisa necessariamente ser maculado pelo o que ele é hoje. Até porque ele não é isso.

Orador B: E se a gente for pensar a fudelância que tá o Brasil, pô, toda essa experiência pornô, aí, pode ter dado algum gabarito pra ele, né?

Orador C: A gente fala, por exemplo...

Orador D: Tem só uma coisa que eu queria falar, porque muito do que a gente tá falando aqui me lembra, dentro da argumentação, da lógica argumentativa, principalmente em debates, desse tipo de coisa, existe muito e é largamente utilizado de forma até cruel, que é a ideia do Ad Hominem, né? Que você julga dentro da lógica argumentativa, você julga o argumento da pessoa pelo a pessoa e não pelas características do argumento, como está construído aquele argumento ou o que que ele apresenta. E, muitas vezes, e nos exemplos, até, que a gente tá discutindo, ele fica muito nesse lugar, né? De você criticar a pessoa e não aquilo que tá sendo apresentado, aquilo que tá sendo feito ou enfim... A gente não sabe aonde dirigir a crítica e parece que a crítica vem de qualquer lugar.

Orador B: André, que coisa incrível ouvir isso. Porque eu, durante a vida inteira, assim... Eu passo da emoção, que muitas vezes, ai que ódio que me dava que a galera falava assim “Ah, mas você viu como ele falou?” Mas tavam cagando pro que eu falei, né? E, assim, muito mais preocupado com a questão do tom e tal. E eu entendo que, assim, a gente tem que buscar uma comunicação menos agressiva. Beleza. Mas... Aí, velho, meu ovo com caxumba. Porque, assim, porra, vamos ouvir o que o cara tá falando, saca? Que coisa nojenta, também... E,

assim, tudo tem que ser medido.

Orador C: É, o que me deixa, assim, um pouco ressabiado e até, também, dentro dessa dicotomia da vida é: a gente fala dos artistas e seus produtos culturais, como fica essa questão da visão sobre esse produto depois que você descobre um deslize desse artista, são muitas esferas. A gente até conversou anteriormente sobre a questão do Michael Jackson. Eu não vou me aprofundar muito na questão do Michael Jackson. Mas você tem, aí, diferentes Michael Jackson que te estarreceram ao longo da vida. Você tem o Michael Jackson da soul music, você tem aquele caso da Pepsi, que a gente só soube depois que ele morreu, que de fato teve a queimadura durante a gravação do comercial. Beleza. Você tem esse Michael Jackson. Você tem o Michael Jackson maior vendedor de discos com Thriller, e você tem o Michael Jackson... Michael Jackson que surgiu mais branco em 1987. Foram quatro anos entre o Michael Jackson soul music e esse Michael Jackson que surgiu, que foi ficando cada vez mais branco com o passar dos anos. Ok.

Orador B: Quando ele morreu, ele tava mais branco que a Angélica, mulher do Luciano Huck.

Orador C: E, aí, você tem um questão que é muito importante. A gente critica o Michael Jackson que foi embranquecendo, beleza. Tem uma crítica que é nesse prisma. Aí, você tem o Michael Jackson que já era aquela figura muito egocêntrica, muito louca da imprensa, que botava máscara e ameaçava jogar aquela criança na janela. A gente sabe, é uma brincadeira. Mas é uma imagem icônica. Então, são muitas coisas que, com o passar dos anos, te deixaram com um pé atrás com o Michael Jackson. É a terra do nunca, é a questão com as crianças, pros casos de pedofilia, que se sabe... Que tão investigando. Essas coisas todas. Então, tudo isso, claro, não vai mudar uma coisa que é fato. O cara é o maior vendedor de disco e vai continuar sendo porque não se faz mais disso pra vender.

Orador B: E o alcance artístico dele, também, é inegável.

Orador C: A qualidade artística, a inventividade. E por mais que tenha essa questão do Michael Jackson negro e o Michael Jackson branco, tem uma questão de representatividade que é louca. E, aí, funde a nossa cabeça. Porque, enquanto representante da soul music, é um cara genial. Enquanto artista pop, já branco, era um cara genial. Então, você fica de fato sobre pensar “o que que eu vou falar mal do Michael Jackson?”. Então, ele abre um leque. É diferente de você falar, por exemplo, da atriz Winona Ryder. Você sabe que teve os casos dela de furto... Eu, particularmente...

Orador B: E ela, também, é maravilhosa, né?

Orador C: Ela é maravilhosa. Eu, quando a vejo, não vou negar. Eu falo “Nossa... Óh, a bixinha roubou”. Juro pra vocês. Rola essa sensação toda vez.

Orador B: Amigo, mas você não pensa assim... Você vê como que é um transtorno mesmo? A pessoa tentou roubar casacos dentro de uma bolsa. Sobretudo, gente. Que louca. Piradaça! Ninguém tá vendo. Ninguém... Isso que é fé cênica.

Orador C: Então, a minha curiosidade é o que acontece com a vida dessa pessoa no período que ela não tá no tabloide? No período que ela foi fazer a terapia, que ela foi tentar se entender e tudo mais, né? E eu sempre admiro. Por exemplo, vou citar mais uma pessoa. A minha raiva do Macaulay Culkin nunca foi por nada que Macaulay Culkin fez. A minha mágoa, mágoa mesmo, é porque ele ficou muito feio. Não... Mas é... Eu não vou mentir, gente. Eu acho... Aí sim, vem uma projeção. Você projeta um ídolo da sua infância porque você era criança, tinha idade parecida. Era um ídolo bonitinho, fazia “Esqueceram de mim”, “Meu primeiro amor”.

Orador B: Ele era uma coisa fofa!

Orador C: O Cara morreu em “Meu primeiro amor”. Ele era o meu primeiro amor. Mas olha só... E, aí, você tem esse ato, que é na fase da adolescência, que a gente sabe que geralmente quem faz TV ou cinema nessa fase de adolescência se afasta um pouquinho quando é criança, depois volta... O negócio é que ele voltou muito feio. E, aí, claro... Teve a questão com problemas com as drogas... Mas, aí, já não nos interessava. Foi mais uma questão de você associar a imagem angelical do Macaulay Culkin do “Esqueceram de Mim” pra essa imagem de um adulto que não foi tão bem-sucedido na sua carreira, teve os escândalos com a família e, pasmem, tava junto com Michael Jackson, lá nas tretas de Michael Jackson.

Orador A: É, uma coisa importante é que também é isso. A gente espera que Macaulay Culkin seja aquilo que a gente acha que Macaulay Culkin tem que ser, mas na verdade Macaulay Culkin é uma pessoa, né? Tipo, ele não é o “Esqueceram de mim”.

Orador C: Exatamente.

Orador A: Ele é outra coisa, ele é mais do que isso, né? E o “Meu Primeiro Amor” pode ter sido responsável, um dos filmes responsáveis pelas pessoas terem medo de abelha, né? Dá pra pensar nisso?

Orador B: Agora, ele fez um outro, também, perto, assim... Quando ele ainda era bonitinho... É, do...

Orador C: “Anjo Malvado”?

Orador A: Mas vocês tão falando que o problema dele é ser feio, é isso mesmo?

Orador B: Mas é um problema, no caso do Macaulay Culkin.

Orador C: É difícil.

Orador D: Mas eu acho que faz um ponto interessante do que o Josuel tava falando, que ele deu dois exemplos, Winona Ryder e o Macaulay Culkin. E nos dois casos, a culpa, se a gente for... Culpa é meio ruim, né? Principalmente eu, sendo psicólogo, falando isso. Então, apaga, eu não falei... Mas se a gente for responsabilizar eles pelos atos, né? É difícil a gente responsabilizar alguém por ela ter ficado feia ao envelhecer. Ela pode ter se cuidado.... Ao mesmo tempo, é difícil a gente falar de uma pessoa que tem um transtorno, né? Que no caso da Winona Ryder é a cleptomania, e ela vai ter essa... Esse impulso e essa dificuldade de

controlar o impulso de tirar alguma coisa que não lhe pertence, né? Cometer furtos, de forma...

Orador B: E não necessariamente precisando daquilo, né?

Orador D: Exatamente.

Orador B: Aí é que sabe que é o transtorno.

Orador D: E, aí, muitas vezes, da minha área, eu queria até ressaltar isso, que muitas vezes a gente vai deixar muito... Tipo, achar muito ruim se fala isso do Macaulay Culkin, mas não vai achar tão ruim que se fale isso que o Josuel falou da Winona Ryder. Porque a gente, geralmente, julga muito as pessoas quando elas têm um transtorno, mesmo que seja um transtorno mental, né? Pelas ações que elas fazem.

Orador B: Sim, é verdade.

Orador A: É, e tem uma coisinha que eu acho, só emendando esse lance da “Ow, tadinha, ela rouba”. Porque, assim, eu acho, também, que, de alguma forma, também, algumas vezes existem níveis que a gente tolera, né? Também. Por exemplo, eu não tive... Pessoalmente, eu não tive nenhum e não tenho nenhum problema com o fato dela roubar uma loja. Tipo, de verdade. Eu não fiquei assim “Ah...” Talvez, porque não tenha sido a minha loja, né? Mas eu não tive... Eu não fiquei, assim, preocupado e nem fiquei imaginando que ela tá moralmente errada, porque sei lá... Se ela fosse roubar uma coisa do Extra, que o Extra não se discute... Ou, sei lá, sabe de uma grande corporação... As Casas Bahia... Aí, rouba uma coisa que não faz, sabe... Eu não fico assim pensando “Nossa, que absurdo”. Mas uma pessoa que comete um ato de pedofilia, né? Um assassinato, aí eu não... Eu não faço esse lugar. Mas também, isso tem a ver com o problema do produto artístico. Porque, assim, tão... O Quão o produto artístico da Winona Ryder ou da Ladrona Ryder, como o pessoal ficou brincando muito na época... Ladrona Ryder... O quanto o produto artístico dela é importante pra mim ao ponto de eu não me importar com uma pequena ação... Porque se for a Joelma a roubar, ou se for, sei lá, um artista que eu não curto a arte, acho uma droga, e ele rouba, talvez eu vá com a moralidade toda em cima. “Caraca, que absurdo! Ele roubou a balinha das Pernambucanas. Que absurdo, entendeu? Só que se fosse, sei lá, o Robert Plant... Putz, eu ia achar um máximo ele roubar. “Não, Rouba mais, pode roubar”. Porque o tanto que eu gosto do produto artístico faz que eu também passe mais pano em relação a falha do cara. A falha do cara tem que ser proporcional ao produto, a causa que o produto tem a mim.

Orador C: Essa questão, por exemplo, da Winona Ryder... Não desqualifica a potência dela enquanto atriz. Até porque, depois desse fato, ela fez outras participações em filmes e seriados e ela é incrível.

Orador B: Incrível.

Orador C: Então, tem dois lados, também. Tem um lado do artista que vacila e a gente

reconhece nele uma potência criativa muito grande, e tem um lado do artista que vacila e “fueum, fueum, fueum”... E, aí, foi o que a gente comentou da Joelma. Pra você, ouvinte, a gente tá falando da Joelma da Banda Calypso, mesmo.

Orador B: Chimbinha te traiu...

Orador C: O que que acontece... A Joelma, a dançarina, cantora, compositora e dona de uma gravadora de discos, diga-se de passagem muito inteligente, por isso os CDs dela eram muito baratos e por isso vendia que nem banana, a Joelma era uma grande empresária que tinha uma banda de forró chamada banda Calypso. E, aí, numa dessas entrevistas de televisão, ela citou que pelo fato de ser uma evangélica, uma pessoa evangélica, ela não iria tolerar que o seu filho fosse homossexual. “Pamm”.

Orador B: No caso, as filhas, que ela ia fazer o tratamento pra cura gay.

Orador C: Qual foi o grande problema dessa questão? O público de Joelma, principalmente dos rapazes que iam ao seu show para dançar e mostrar suas habilidades, era prioritariamente homossexual.

Orador B: Veado.

Orador C: E, aí, o que lotava o show de Joelma... O que lotava o show de Joelma eram os veados, mesmo. Era uma galera que ia lá com suas amigas, seus amigos, pra ficar dançando forró. E, aí, cara, é uma coisa que não tem perdão. Porque, nesse caso, a resposta é em venda de ingresso pro próximo show. Aí, não tem show porque não conseguiu quórum suficiente.

Orador B: E numa era que não era mais o disco, né? Que... Que sustentava, né? A carreira ou fomentava a vida, e tal, que são os shows... Aí, menino, se fodeu grandão... Sentou na boneca, hein, Joelma.

Orador A: Aí, a Daniela Mercury até aproveitou essa onda e falou “Bom, quem não vai no show da Joelma pode vir no meu, então, porque no meu é livre”. Maravilhosa.

Orador B: Fantástica. A Dani, nesse sentido, ela saiu, não foi? Do armário não... Foi escancarando a porta, né?

Orador C: E isso mexe muito com a gente. Por exemplo, gente, uma mágoa que eu tenho muito grande é com a Regina Duarte. Com a atriz Regina Duarte. Por que? A gente sabe que a Regina Duarte sempre foi essa atriz de extrema-direita, enquanto posicionamento político, mas ao mesmo tempo a desgraçada fazia Rainha da Sucata, Roque Santeiro, História de Amor e foi Malu Mulher, que é um símbolo do empoderamento feminino da televisão do começo dos anos oitenta. Beleza. A Regina Duarte, mesmo tendo as declarações dela nas campanhas do governo Lula, que ela dizia...

Orador B: “Eu tenho medo. Eu tenho medo”.

Orador C: Ela dizia isso. Beleza, você tolera, você sabe que é a Regina Duarte. Até que a Regina Duarte declarou abertamente, virou fanática do Bolsonaro. Nas redes sociais dela, no



Instagram dela é só falando do Bolsonaro e tudo o mais. E, aí, gente vai me repetir uma novela dela no Vale A Pena Ver De Novo, que é a melhor novela da face da terra, que é Por Amor. Então, você fica dividido de duas maneiras... Uma, antes a gente assistia a novela Por Amor, que é a novela que ela troca o bebê pra salvar a filha dela, que perdeu o útero, e parará, parará, parará... Você assistia morrendo de dó da Regina Duarte, porque ela vai sofrer a novela inteira. A diferença é que no Vale A Pena Ver De Novo, agora, a gente vai gostar de ver a Regina Duarte sofrer.

Orador B: Você sabe que eu sempre gostei.

Orador C: De ver ela sofrendo?

Orador B: É porque sempre... A cara dela não tem felicidade que me convença... Então, assim, é... E o melhor, cara, olha que doido... O ranço é tão grande dela, que passou pra filha, né? Não é? Nossa, que no-jo.

Orador C: Mas isso é delicado. E, por exemplo, eu acompanhei as... O anúncio, né? A publicidade em cima do retorno da novela. E a novela é uma novela em que a Regina Duarte é a protagonista, mas ela não foi chamada para nenhum lançamento da novela, justamente porque há, também, esse lado dicotômico de tá sendo a maior audiência do Vale a Pena Ver de Novo nos últimos dez anos, porque de fato é uma novela muito boa, e, ao mesmo tempo, a Regina Duarte não tá emplacando os anúncios da novela. Tão colocando atores de outros núcleos porque já se sabe dessa divisão identitária que tem sobre a Regina Duarte em rede nacional. E não vamos esquecer de uma outra coisa muito importante pra eu terminar a minha fala. Regina Duarte fez História de Amor, que também é uma novela maravilhosa... Com quem? Com José Mayer.

Orador B: Cara, o Zé Mayer...

Orador D: A gente falou, algumas vezes, e eu fiquei pensando... E é uma coisa que eu vim pra debater, também, porque existe muito essa questão emocional, né? Que a gente tem em relação ao artista, em várias questões, e a obra artística. Então, a gente se envolve muito emocionalmente. E, toda essa questão do julgamento moral que a gente faz das coisas, ela também vem desse lugar emocional, né? De a gente se sentir lesado, de alguma forma, ou confrontado, ou até frustrado, né? Por alguma coisa que é feita como se fosse contra a gente, né? Então, toda essa relação da moralidade, da emoção, ela tá junto. E a gente enquanto ser humano, né? Eu, vocês e quem tá ouvindo, a gente tem essa dificuldade de separar racionalmente. Na verdade, a gente... Não existe essa dicotomia, né? Razão e emoção. A gente pensa emocionalmente e a gente não consegue separar tão claramente essas questões, né? De quem é o artista, da obra que ele fez, e se a gente for pensar nesse exemplo mesmo da Regina Duarte, de ela ter feito obras que são até contraditórias com posicionamento político dela atual... E, aí, como é que a gente separa isso, como é que a gente entende isso? Agora, eu acho que comercial ela não tem que fazer mesmo porque ela não merece ganhar nada.

Orador A: Olha, tá vendo? Cara, você sabe que a coisa é séria quando um psicólogo se dá o

luxo de poder falar isso do artista. Ele que tá lá, com todo o diploma pesando, né? Que eu sei que o diploma fica pensando.. “Não emite a sua opinião assim, não...” e tal, e o cara fala.. Você sabe que a situação é séria.

Orador B: Não, mas que incrível. Eu queria tanto que alguém mostrasse esse podcast pra Regina Duarte.

Orador A: Mas sabe que o Trabalho de Mesa tem uma relação com a Regina Duarte desde o Samuel, que a gente fazia vídeo, a gente sempre usava a Regina Duarte como exemplo e tal e o Samuel adora a Regina Duarte. Foi ele que trouxe a Regina Duarte no Trabalho de Mesa e ficava “Não, a gente tem que falar dela”.

Orador B: Mas, vem cá... Ele adora porque é muito ruim e, aí, a gente adora? Ou ele gosta mesmo?

Orador A: Sei lá. Pois é, eu não sei, cara. Eu acho que é porque ela é muito caricata, ela é muito assim...

Orador B: Muito ruim...

Orador A: Caricatona e, aí, tipo é engraçado. Sei lá, eu realmente... Esse lance que o Hugo falou que tipo passa pra filha... Até, eu nem lembrava. Mas é verdade. Ela tem uma filha que é cópia dela, né? Tipo é uma herança, mesmo, né?

Orador B: E que tá na mesma novela, inclusive essa aí que o Josuel tá falando. E, aí, ela dá o filho dela pra personagem que a filha faz... AFF, cara. Por mim, podia tudo pro quinto dos... Quer dizer, fala, aí, André...

Orador A: Agora, uma coisa que eu queria colocar aqui pra tentar organizar essa bagaça louca, é o seguinte... Eu acho assim, a primeira vez que eu me deparei com esse... Digamos, problema moral, foi há muito tempo atrás, eu tava escutando, se eu não me engano, eu acho que eu tava ouvindo Led Zeppelin... Eu tava ouvindo alguma coisa, na época, assim, e, aí, o meu irmão mais velho... Eu devia ter, sei lá, quatorze, treze anos... Quinze anos... E meu irmão mais velho, Marcelo, ele chegou e falou pra mim assim... “Ah, você gosta...” De brincadeira, né? Porque irmão mais velho gostava de espezinhar, me sacanear e tal... Aí, ele falou assim “Ah, você gosta tanto desse artista, aí... Você tá gostando desse artista, mas você sabia que ele é evangélico?” E foi a primeira vez que eu parei pra pensar, eu falei “Ué, eu não tenho nada contra...”. Tipo, qual o problema dele ser evangélico? Eu pensei, né? Tipo, na hora que ele falou, não faz sentido nenhum e tal. Mas a primeira coisa que eu fui fazer, foi começar a projetar tipo... E se os artistas que eu gostasse comessem efetivamente a demonstrar uma coisa que eu não gostasse? Sabe? Porque, assim, meu irmão achou que pelo fato de eu ser muito ateu, eu era criança era muito praticante... Eu era muito panfletário, nessa época...

Orador B: Desde menino...

Orador A: Desde menino, eu sempre fui muito panfletário. Hoje, não...

Orador B: Engraçado, devia ser incrível, né? As criancinhas rezando e ele falando “Para. Para, gente. Não existe”.

Orador A: Eu fiquei pensando nisso, assim, tipo... O que que aconteceria? Eu pensei até onde eu conseguiria, sabe, assim, aceitar. E, aí, teve alguns artistas que eu comecei a ter... A ter, realmente, uma relação duvidosa, assim. Uma vez, aconteceu muito perto. O Humberto Gessinger, eu vi uma reportagem do Humberto Gessinger, que tava sendo muito ruim, cretino com os jornalistas. E, aí, um amigo meu falou “Cara, eu trabalhei na imprensa e tal, lá. E, tipo, eu conheço ele. Ele é um boçal, cara. O cara é um homofóbico, racista. Cara, ele é um boçal total, sabe? E, ao mesmo tempo, eu fico pensando “Pô, o cara tem letras geniais sobre isso, como ele pode ser um boçal? Como ele pode ser um boçal, cara? Aí, eu fico com uma angústia...”

Orador B: Ah, que bom que você colocou isso aí.

Orador A: Humberto Gessinger é meio que... Eu preciso ouvir ele ser um boçal pra mim, pra eu poder tirar ele de um rol de um cara consumível.

Orador B: Pra você acreditar, né, amigo? Mas olha só...

Orador A: Sabe, eu fico com essa dúvida...

Orador B: Mas, amigo, olha só. Essa, eu acho que é um ponto muito legal, depois eu até queria ouvir a opinião do André, e eu não vou esquecer do Zé Mayer, não tá? Depois a gente fala. Mas cara, é porque assim... Realmente, essa questão da idealização, a gente não pode, assim... A pessoa pode ter um alcance artístico incrível e ser um merda, sim... Uma coisa não invalida a outra. E, assim, é muito doido, porque dentro da arte, a maioria do conteúdo, claro que tem historicidade, estilo, gênero, estética, ok. Até epistemologia, né? Mas... Mas 90% do nosso conteúdo é do humano, então, acho que isso gera uma confusão, assim, na gente. Mas, cara, a gente tem que aprender a ter um pouco mais de inteligência emocional, nesse sentido, pra poder conseguir fruir, desde que esse comportamento de merda, de fato não fira o que é lei, ou o que são, de fato, posturas que socialmente a gente não deve mais aceitar, né?

Orador C: E tem também um outro lado, que para mim é muito preocupante, que é o lado de o fanatismo ser tão grande, a não... A não te impossibilitar de enxergar. Eu vejo muito isso, claro, não é artista, mas a gente tá vendo a repercussão que tá tendo essa acusação em cima do Neymar e quem ama o Neymar coloca todos os argumentos possíveis pra que o Neymar se quer seja investigado.

Orador B: Pois é. Aí não. E ainda é ridículo, porque aí ele jogou, né? Dez, quinze minutos e foi eleito o craque do... Ah, vá tomar no cú, gente.

Orador C: Então, é isso. A questão do fanatismo que pode fazer você não querer enxergar.

Orador B: Eu queria outro parâmetro, né? Assim, quem dá apoio pro Neymar? O craque do jogo? Ah, não. Aí, é nesse sentido que a gente acaba... Porra, misturando tudo, sabe? E, aí,

fica meio...

Orador C: Na maioria das vezes, eu sinto que os nossos ídolos nos decepcionam, sim, em algum momento da vida.

Orador B: Cara, pois é. Eu, na verdade, tive uma história... Eu era muito, muito, muito fã da Malu Mader. Na verdade, eu achava que eu era apaixonado pela Malu Mader. Ali, quando eu era criança, Fera Radical, Top Model. Quando chegou já, ali, no Dono Do Mundo, mais ou menos, eu entendi que não era apaixonado, eu queria ser a Malu Mader. E, aí, eu tive de fato, um contato com a Malu que acabou, acho, que me influenciando muito pra ser ator. E foi bem positivo. Porque ela fez uma montagem comemorativa dos cinquenta anos de Vestido de Noiva, do Nelson Rodrigues e tal, e minha vó sabia que eu era muito fã, me deu de aniversário e eu li essa peça antes de fazer treze anos. Porque eu vi que se passava em três planos, fiquei com medo de não entender porra nenhuma e tal, e acabei lendo Nelson e fiquei, acho que muito vocacionado, assim, mesmo. Talvez minha vó não soubesse que desse essa desgraça, mas eu tive um encontro positivo, assim, diante de um ídolo. E é muito legal nesse sentido. Mas, aí, saiu do lugar do ídolo e eu passei a admirar como pessoa mesmo. Eu achei legal, também, que me tirou, meio que isso vetou esse endeusamento.

Orador C: Essa Idealização.

Orador B: Né? Porque, assim, senão quando o baque rola, pode ser que você não levante.

Orador A: Pois é, mas a gente muda a relação com o produto? Esse é que é o lance. Tipo, se você descobrir que a Malu Mader é zoada, você vai... Ou, por exemplo, a Regina... Como o Josuel coloca da Regina Duarte, você sabe que ela é zoada. Quando você assiste, Josuel, a novela, agora, que tem uma cena maravilhosa, como que você se sente vendo a mulher que você sabe que a zuada, que tá fazendo uma parada errada na vida real, mas ao mesmo tempo, na arte, ela tá fazendo uma cena que você gosta. Como que é a relação assistindo...

Orador C: Tem duas visões, duas visões.

Orador B: Só pra concluir. Se a Malu Mader fosse filha da Regina Duarte, eu ia deixar de gostar.

Orador C: Tem duas visões. Por exemplo, um amigo meu, que trabalha lá na emissora, me falou bem assim “Josuel, quando você for assistir Por Amor, observa que a Regina Duarte nunca interpreta com três pessoas, é sempre ela, no máximo duas”. Porque, naquela época, foi uma das primeiras novelas em que ela passou a usar ponto eletrônico. Então, todos os atores decoravam e só ela fica com ponto eletrônico. É daí que vem uma tal de balançadinha que a Regina Duarte tem na cabeça. E, aí, eu fico vendo a novela agora bem assim “Eita, deixa eu ver se dá pra ver o ponto”. E acaba que você percebe claramente... Eu, assistindo agora, eu vejo mais tecnicamente. Eu vejo, claramente, assim “Eita, que legal. A atriz dando o texto, tá esperando a Regina, colocaram uma trilha sonora pra não ficar no vácuo e a coisa funciona. Mas semana passada passou a cena da troca dos bebês. Eu fiquei enlouquecido com aquela cena, porque é maravilhosa. Aí, você pensa... Você não vai pensar na direção, na iluminação... É uma cena clássica da televisão brasileira, você assiste, a raiva de Regina

continua. Mas é uma cena maravilhosa.

Orador A: Mas não mudou, você acha que a cena não perdeu... Você acha que a cena não perdeu...

Orador C: Assim, eu acho que a cena não perde. Eu percebo, no caso, tecnicamente, que de fato é uma atriz que usa ponto, por isso ela tem sempre uma pausa entre uma fala e outra.

Orador B: Tem um delay. Tem um delay, cara. E, ainda, parece que, assim, ela enquanto... Se ela conseguisse ficar com a cara neutra enquanto tá ouvindo a fala... Não, ela começa a reagir, ouvindo... E, aí, você fala “Que porra é essa?”

Orador C: É claramente... Mas, percebe que isso não afeta o que ela fala publicamente, isso é um defeito que eu tento encontrar para justificar o ranço que eu tenho pra assistir “Olha lá, como ela tá decorando o texto agora”...

Orador B: Acho que o André... Acho que o André queria falar um negócio, né, André?

Orador D: Eu vou voltar um pouquinho na parte que a gente tava falando do endeusamento dos ídolos, né? Eu acho que é até um pouco... Ídolo vem muito desse lugar, né? De a gente olhar pra alguém como algo extraordinário, idolatrável, né? E isso tem muita relação com a... Principalmente, se a gente olhar pras mitologias antigas, tem aquela coisa, né? De colocar personas, as quais a gente tenta olhar e se identificar ou se espelhar, esse tipo de coisa. E, aí, que cria muito esse distanciamento, que a gente colocou como um endeusamento, dessas pessoas e que a gente espera um caráter ou as atitudes, tudo num nível de excelência, assim, que qualquer coisa que a pessoa faça fora disso, vai ser muito decepcionante. E, aí, principalmente pra juntar com a história do Humberto Gessinger, que eu descobri agora que ele era um boçal... Tem que rever as músicas dele...

Orador A: Alguém acusou, eu não sei se é... Alguém acusou. Eu não vi ainda.

Orador D: Pois é... Mas, aí, entra nesse lugar, também, porque eu fico pensando... Como é que é, uma pessoa que tem a projeção artística dele ter que lidar o tempo todo com jornalistas, que tipo de perguntas que se fazem, todas essas questões, que muitas vezes vão num direcionamento mais pessoal do que do que ele propõe como arte, né? Como projeto.

Orador B: Sim, total. Ainda mais nos tempos em que vivemos, né, André?

Orador D: Uhum.

Orador C: É, rola muito isso. Um amigo meu que é fotógrafo foi encontrar com a Mara Maravilha num evento e ele era fã de Mara Maravilha e pra ele foi muito importante ver a Mara Maravilha e tudo mais.

Orador B: E ele fala logo assim “Índio, fazer barulho...”

Orador C: E quando ele chegou perto da Mara Maravilha, ele tava chegando perto de uma figura da infância dele e tal. E, aí, a primeira coisa que a Mara fez foi baixar a cabeça dele e

ungir, fazendo uma oração. Ele disse que pra ele foi muito, muito agressivo, receber da Mara Maravilha uma benção, uma ungida, né? Porque era um evento...

Orador B: uma o quê?

Orador C: uma ungida.

Orador B: caraca...

Orador B: Não, é porque assim, eu achava descompensado, assim, na boa. Tá no Xou da Xuxa, que era criança, a atração internacional "Don't want no short dick man". Porra, gente! Xuxa, cara! Assim... Enfim... Então, eu entendo que isso também ultrapassa até o poder de escolha dela e Marlene Mattos, né? Que enfim...

Orador C: Eu lembro de uma das gravações, só para os ouvintes saberem, eu fui muito no programa da Xuxa quando eu era mais novo... E eu lembro de uma das gravações, a primeira, até, que ela falou assim "Gente, primeira coisa, pelo amor de Deus... Não fica dizendo Xuxa, eu te amo, Xuxa, eu te amo, porque eles vão falar que eu que peço pra vocês falarem e na hora de cortar, eles cortam tudo e eu ainda leva bronca. Se vocês me amam muito, obrigada, mas a gente tem que trabalhar. A gravação dura sete horas, se vocês cooperarem, dura cinco".

Orador B: Tá bom, gente? Senta lá com a Cláudia.

Orador A: Cara, eu queria muito, mesmo, mesmo, muito que, um dia, algum programa, e pode ser aleatoriamente, algum programa do Trabalho de Mesa chegasse a Xuxa porque, aparentemente, na quinta temporada, a gente falou da Xuxa em todos os episódios. Em todos os episódios, a gente citou a Xuxa em algum momento.

Orador B: Então, Xuxa, se você tiver escutando agora, me diz... Que tonalidade laranja é essa, irmã? Sério, conta, aí pra mim.

Orador C: Agora, pra além das brincadeiras, tem uma coisa que eu anotei, que é uma frase, que é um receio que eu tenho. Quando a gente passa a ter a arte como um subproduto por conta do comportamento dos artistas, o nosso discurso de ódio se torna o protagonista.

Orador B: Total, total. E como, assim, a gente viu isso aqui até falando de Regina. Parece que o ódio motiva a gente falar, né? Realmente, reproduzir... E o Gustavo tava falando muito disso na nossa reunião de pauta, que as pessoas ficam viciadas em entrar nas redes sociais para compartilhar aquilo que a violentou, que deixa enfurecida...

Orador A: É, tem esse lance...Eu até acho que o André pode, de repente, não sei qual é a sua opinião, André, ou qual é a opinião técnica que se usa, ou se você tem discutido, pesquisado sobre isso, mas é um lance que rola muito que é o lance da raiva, do vírus, né? A raiva é meio como um vírus, assim, parece. Num sentido cerebral, mesmo, sabe? Parece que tipo, passar raiva e passar a raiva pro outro, ou, tipo, mostrar uma coisa que te deixa indignado, irritado e

te causa raiva, parece que dá mais endorfina, sei lá. Tipo, parece que dá mais prazer, é viciante, nesse sentido, que faz com que você passe para outra pessoa mais do que uma coisa positiva. Eu até vi alguns vídeos do Asper Science e do pessoal do Vlog Brothers, enfim, daquele... Don't Forget to Be Awesome, enfim, também, falando sobre isso de porque os vídeos virais, eles são quase todos em cima de briga, porrada, coisa ruim, coisa feia, sabe? Tipo, meio que biologicamente, a gente tá mais preparado pra ficar andando, sabe? Aí, eu me lembrei, e, aí, já te dou a palavra, André, eu me lembrei daquela coisa que o Hugo acabou de falar também, né? Os jornalistas, às vezes, sabem disso, né? O pessoal de mídia, mesmo, sabe disso, e na hora de entrevistar o artista, às vezes, ele não vai querendo conversar sobre a obra, ele quer espezinhar uma parada para o artista agir de uma forma diferente, meio agressiva, para poder gerar notícia. Eu lembro daquele cara entrevistando o Rodrigo Amarante, e o jornalista veio lá e falou “Ah, por que que vocês não gostam de Ana Júlia? Por que vocês odeiam Ana Júlia?” E eu vi, eu... Cara, eu conhecia vários jornalistas naquela época, e eu mostrei aquilo para algumas pessoas e algumas pessoas “Ah, que cara idiota, que artista imbecil, o jornalista tá fazendo o trabalho dele”. E eu falei, “Cara, o jornalista não tá fazendo trabalho dele porcaria nenhuma. O jornalista não fez o trabalho de casa.” Quem vai ao show do Los Hermanos sabe que eles tocam Ana Júlia. Tipo, eles ganham dinheiro. Eles adoram a música. Esse lance de ficar falando que eles não gostam é pra gerar Click. Tipo, você não conhece a banda e tá fazendo um julgamento pra gerar polêmica, pra irritar o artista, pra ele ser grosseiro contigo e, então, você pegar esse momento que ele foi grosseiro e vender a imagem dele como cretino, sabe? Tipo, como que funciona isso psicologicamente?

Orador D: Então, tem... E essa questão de “O que viraliza nas...” Eu vou separar em vários pedaços.

Orador C: Manda bala. É só seu.

Orador D: A questão de... Essa questão de viralizar em redes sociais, tem um ponto aí que é bem interessante porque não é necessariamente a questão do ódio ou da raiva, da cólera, que ela vai se espalhar. Mas é o que a gente chama de ativação... ativação simpática, que é essa parte do corpo, né? Quando a gente acelera o batimento cardíaco, pupila dilata, aquela resposta mesmo de luta ou fuga. Ou outras respostas que tem tanta ativação quanto, mas que não são, necessariamente, de ódio, mas elas podem ser de êxtase. Então, a gente tem esses dois tipos de emoções, que eles estão em espectros diferentes, né? Tipo, positivo e negativo, né? Como o êxtase e a raiva, mas os dois são muito ativados. E, aí, quando a gente tá falando no que que viraliza nas redes sociais, geralmente têm essa relação de estar muito... Ser uma emoção muito ativadora, né? Então, a gente vai ter aqueles outros vídeos que, mais no início da internet viralizaram, que eram vídeos que eram extremamente engraçados, ou que gerava esse contágio da risada muito forte, enfim. Tá nesse outro lado.

Orador B: Mais pela alegria, né?

Orador D: Alegria. Mas era uma alegria muito ativada, não era uma alegria tipo “Ah, isso é legal”. Ou “Achei ok.”

Orador C: Só feliz...

Orador D: E, aí...

Orador B: Era de mijar de rir... Né?

Orador D: Isso. E, aí, nesse sentido da ativação, é que, geralmente, gera mais compartilhamento e mais cliques, enquanto as outras coisas que são menos ativadas, não vão gerar tanto clique.

Orador C: André, uma pergunta pra ti. Recentemente, a gente teve... A gente não, porque eu não faço parte do consumo disso, mas eu fui muito bombardeado, assim, como todos os brasileiros na internet, com uma chacota em cima de uma música de uma cantora chamada Paula Fernandes com Luan Santana, que era uma regravação de uma da Lady Gaga. Eu não consumo nem a Lady Gaga, nem a Paula Fernandes, nem o Luan Santana. Mas tudo o que chegou a mim, foi como um discurso de ódio pra que a resposta fosse dar continuidade a chacota, dar continuidade ao falar mal, dar continuidade... Eu não sei se isso foi proposital da produção de causar essa comoção inteira em cima desse tal de Shallow Now, mas isso, eu sei que eu não consumo, né? Nessa hora, eu me abstenho, eu não comento, não curto, não compartilho. Como é que você vê essa questão enquanto... Enquanto incitação ao discurso, mesmo que aquilo não faça parte da tua rotina?

Orador D: E aí é no outro ponto que eu ia chegar. Eu acho que começaram a entender essa questão da ativação como uma estratégia de viralização de Marketing. E é muito mais fácil de gerar esse tipo de, né? Pro lado negativo, do ódio, e, até porque, aí tem uma outra característica, que o ódio ele... A raiva, né? Ela é... Ela aumenta a propensão de a gente tentar atingir a outra pessoa. Enquanto o êxtase tem a questão do... A felicidade tem mais, alegria é até mais uma questão de compartilhamento, de compartilhar junto, de estar junto, mas o ódio, não. Tem aquela coisa de você atingir aquilo que te causou o ódio, né? Que te gerou a frustração. E, aí, nesse sentido...

Orador B: Total, André.

Orador D: E nesse sentido, principalmente na internet, é muito fácil você ir lá e atacar o outro. É um comportamento muito econômico, se a gente for pensar do ponto de vista psicológico.

Orador B: Mas legal ele falar disso, né? Porque tem uma máxima que eu ouvia da minha avó, sempre, que é isso, que a felicidade, ela é somada. Mas a desgraça é multiplicada.

Orador C: E uma coisa que é muito importante, também, a gente refletir com o artista é se isso é uma estratégia do produtor, da gravadora ou do pessoal que tá vendendo o show desses cantores, ok. Eles estão usando a estratégia do momento. Então, eles também são artistas que falam mal dos Artistas pra que eles possam vender mais subprodutos desses artistas. O meme vai valorizar a Paula Fernandes. Independente de você falar muito mal dessa música, o meme vai fazer com que potencialmente, numericamente, ela fique muito conhecida naquela semana. Acaba que a gente, entendendo como funciona o mecanismo, a gente também corrobora com ele.



Orador D: É, e como você mesmo falou, você conseguiu interromper o ciclo ali de compartilhamento, do engajamento, com esse produto que tá sendo finalizado. Mas ao mesmo tempo, ele chegou até você, que é uma pessoa que normalmente não consumiria e nem saberia desse lançamento, dessa música, né? Eu também, eu sou uma pessoa também, que eu não conheço também, não acompanho a Lady Gaga, nem conhecia essa música, e, aí, fiquei sabendo do meme “Juntos e Shallow Now”, porque é aquela coisa que explodiu, aí viralizou, e vai chegar nesses outros pontos, mesmo que a gente não reproduza, ele chegou até a gente. Então, ele conseguiu passar muitas...

Orador A: Mas você acha, ou pelo menos nos termos da Psicologia, ou de, enfim... Se existe alguma pesquisa, se existe alguma discussão oficial, mesmo, sobre isso. Porque eu tenho a impressão e, aí, claro, eu tô falando disso de uma forma anedótica, completamente de percepção de assistir as coisas no YouTube, por exemplo. E você vai no Facebook ou Twitter, e o ódio, ele propaga melhor do que a alegria.

Orador D: Sim.

Orador A: Né? Tipo, você tem mais vídeos, pelo menos me parece que existe uma quantidade maior de vídeos do bolso... “Olha a merda que o Bolsonaro falou”, do que “Olha só que massa esse acorde que esse músico fez. Olha que lindo essa cena.”.

Orador D: Sim, sim.

Orador A: Até, eu já falei isso várias vezes aqui nesse programa, já falei isso com o Bruno... Se você for pegar qualquer review, qualquer canal que faz review de cinema, qualquer crítico de cinema, qualquer crítico de música em jornal antigo, antes da internet mesmo... Se você for fazer uma análise, assim, de quantas vezes a pessoa tava falando que aquilo é uma merda e quantas vezes a pessoa tá falando “olha que massa, vamos fazer?”, aparentemente, aí pode ser um viés totalmente enviesado meu, mas aparentemente o ódio parece que propaga mais. O ódio tem mais espaço, parece. Eu não sei. Entende, o que eu quero dizer? Eu sinto que o ódio tá mais fácil de ser consumido do que esse outro lance que você falou da êxtase, por exemplo. Minha impressão, mesmo.

Orador D: Não, mas... E, aí, tem alguns elementos, eu não vou saber de pesquisa, mas que vai diferenciar... A única pesquisa que eu vi e, assim, ela geralmente colocava esses dois no mesmo patamar, e a gente acontece de ter mais ódio. E, aí, entra as discussões, né? Será que a gente vê mais ódio se propagar porque há... Porque biologicamente o ódio vai se propagar mais e a gente tem essa característica de atacar sempre, então a gente tá preparado para isso? E aí a gente tem algumas questões biológicas, bases biológicas, aí, pra corroborar com isso, né? A gente... Todas as espécies, elas têm que ter uma certa agressividade para que elas consigam sobreviver.

Orador B: Total.

Orador D: Mas a gente tem uma outra questão, que é... O mundo que a gente vive e a gente... Ia ser legal porque vem de uma discussão que a gente tem num grupo de estudos atualmente, que é sobre um livro fantástico que foi escrito em 1970, final dos anos setenta,

que é do Sidman, que ele vai falar dos aspectos da coerção e como a coerção, ela... Quais são as implicações da coerção, né? Que, no termo técnico, coerção é qualquer forma de tentativa de controle do comportamento do outro por meios aversivos, basicamente, né? Se ficar muito confuso, pode perguntar.

Orador C: Não, tá dando pra entender.

Orador D: Isso, exatamente. E, aí, no texto ele vai discutindo muita essa questão de o quanto já está embutido na gente essa questão de coagir os outros, né? Então, a gente é ensinado por meio de coação, a gente aplica a coerção e tem todas essas características. E, aí, vem muito de uma forma mais técnica, um pouco mais técnica, ele vem muito nesse discurso do Bob Marley, que é essa questão. A gente precisa usar outras formas de educar, outras formas de trabalhar com as pessoas e relacionar com as pessoas. Só que é aquilo... A gente tem uma pré-disposição, já, inicial, biológica de qualquer criança, que ela tenta conseguir alguma coisa, as primeiras tentativas dela vão ser mais agressivas, né? A gente atribui como agressividade, mas enfim, não é que a criança seja agressiva, mas que ela apresenta esses comportamentos que são mais próximos, né? Mas fáceis para ela inicialmente e a gente precisa ensinar pra ela as outras... As outras questões mais civis e, ao mesmo tempo, a gente tem um modelo de educação, tanto dentro de casa, né? Hoje em dia a gente vem tentando lutar contra isso, com a própria lei da palmada e outras propostas de educação dentro das escolas, mas que ainda assim, ela é muito arraigada, né? A educação das pessoas... Pessoas foram ensinadas assim e elas só sabem ensinar assim. Elas não sabem colocar limites de outra forma e esse tipo de coisa. E isso vai... Continua perpetuando essa cultura da... Mais da agressão, né? Do que... Mais do que compartilhar as coisas que são boas.

Orador B: Do que do amor.

Orador D: E, aí, tem um outro elemento que me parece que também vai influenciar nessa questão de... O ódio, né, o êxtase, enfim... O amor mesmo intenso, a paixão... O que é mais fácil e, assim, em custo de resposta mesmo, o ódio, porque ele exige menos cooperação e coletividade.

Orador C: E faz todo sentido, né?

Orador D: Enquanto as emoções que a gente considera boas, né? Elas vão estar mais nesse outro espectro de coletividade, de pertencimento, de grupo, e eu ter cooperação... O ódio, não. É uma coisa que você ataca pra se defender, ataca primeiro e você não precisa se juntar necessariamente com outro, mas vai ser muito útil ter outras pessoas junto, né?

Orador B: Quase que instintivo, né?

Orador D: É.

Orador B: Mas parece uma coisa mais de instinto, né? Que você chegou a citar, André... Vê se eu tô errado, porque eu acho que eu ouvi isso, mas também, né? Você falou de que isso é natural de qualquer animal, né?

Orador D: É.

Orador B: A primeira reação, né? E defesa... Então, mas, cara, é muito doido. Porque se a gente tá falando de viver em sociedade, sim, a gente vai ter que aprender o outro lado, né?

Orador D: É, e aí... E é isso que o livro, ele vem defender nesse sentido, né? Como tecnicamente a gente pode pensar nesse outro lado e como a gente pode implementar, sabe... Princípios gerais inicialmente, mas que já tem bastante coisa desenvolvidas dentro das áreas de estudo, né? Que, hoje em dia, a gente tem técnicas só que elas ainda não chegam pra todo mundo. E, é muito, porque tem aquela questão do discurso empolgante, né? Então, quando a gente vê o... Você reclama muito da questão do discurso do político, né? Que ele é engrandecedor, que ele tem aquela coisa expansiva, e o discurso de ódio, ele tem essas características, que mobiliza as pessoas, né? Ele é expansivo, ele é mobilizante, né? Mais do que os outros tipos de discurso, né? Então, tem isso também.

Orador B: Pera, pera, pera. Caraca.

Orador D: Ele toca as pessoas.

Orador B: Então o discurso, ele pode gerar empatia?

Orador D: Eu acredito que sim.

Orador C: Só interrompendo uma coisa, que me fez refletir... Antigamente, os impérios, os reinados usavam a arte como forma de entretenimento, eles sabiam e tinham uma consciência, desde os bobos da corte, desde dos grupos mambembes, que eram chamados pra fazer apresentações pra corte, que a arte tava ali pra entreter. Claro, a gente viveu, durante muito tempo, com essa máxima do artista que pede esmola, do artista que tá sempre precisando de uma coisa do governo, mas também é um modelo, é um modelo que não vai ser a gente que vai mudar, né? Tanto que você tem as leis de incentivo, agora a gente tem uma crise. Eu acredito que o que tinha acontecido, agora, é que esse governo, que durante... Que já foi reinado, que tinha esse costume de usar a arte como entretenimento, tá sendo muito claro e muito taxativo que é inimigo da arte, que a arte, na verdade, é inimiga do povo. É uma inversão de valores. Talvez, esse discurso de moda, que é um discurso de moda, em cima da questão do artista, em cima da questão da arte, seja o momento que nós estamos vivendo. E nós percebemos o quanto a gente também faz parte da sociedade, já que nós não estamos num globo, que diz que a gente é um artista protegido do mundo, a gente também é sociedade. E a gente como a sociedade também fala mal dos outros artistas. A gente também tá dentro desse círculo e a gente também tá dentro do discurso de ódio para com a arte.

Orador B: Mas olha que doido isso, né? Claro, aqui a gente falou mal de vários artistas, não vou nem dizer que a gente não faz, que faz. Mas é muito doido. Também são artistas que, de alguma forma...

Orador C: São sociedade.

Orador B: É, e que eu acho que não vai chegar também neles. Olha que loucura.

Orador C: Que doido, né?

Orador B: Bem ou mal. Porque eu tenho uma preocupação, por exemplo, pensando mesmo em categoria, né? E diante das dificuldades que a gente tá vivendo, que eu posso falar contigo, Josuel, “Pô, não gosto muito do trabalho do fulano, ciclano, e tal”. Mas você não vai me ver fazendo esse pronunciamento no metiê, porque eu acho que isso desagrega, desfavorece, é uma pessoa que tá no mesmo rala que eu. Eu não acho que isso favorece mesmo, você ficar falando de estilo, de estética e tal... A gente tem público pra todo tipo de pesquisa e manifestação, beleza.

Orador C: É, deixa pra shallow now, quem for de shallow now e tá de boa.

Orador B: Exato. E tá tudo bem, né? Mas a gente vê que não é muito isso. Agora, falando eticamente, eu, se eu sei que tem um artista... A gente falou isso, também, na reunião... Que é escroto e tal, eu não vou ver. Principalmente, se tratando de maneira local, né? Que eu sei que ele passou a perna em colegas, que usou meios ilícitos... Tô falando de teste de sofá não, gente. Que eu também quero dar pra pessoa certa. Tão me ouvindo, gente. Belê? Não é disso que eu tô falando. Mas é de gente que... Porque você tá dando o que é seu, né? Nesse caso, do sofá. Mas você realmente usurpar o que é do outro, quando chega nesses pontos, eu não consigo dar nem trela, nem... Enfim.

Orador C: E sabe de uma coisa que é muito importante, eu digo pra Hugo, digo pra Gustavo, digo pra André e digo pra todos os ouvintes. Se a Regina Duarte tivesse sentada aqui do lado, a gente até falaria as coisas que a gente fala, mas teria um outro... Uma outra conotação. Então, é muito importante pra mim como homem e como artista e como pessoa que tá tentando entrar nesse... Nesse ramo de... Entrar nesse ramo não, como pessoa que sabe que tá nessa pequena área de comunicação e de formação de opinião, é muito importante para mim saber que nós aqui estamos em um estúdio fechado falando da Regina Duarte ou de quem quer que seja, porque a gente também tá protegido como se fosse um internauta atrás da tela do computador.

Orador B: Total! Total! Se ela tivesse aqui, a única coisa que eu iria falar é “Eu tenho medo”.

Orador A: É, claro, a gente tá bem protegido, né? A gente fica protegido por esse lance da internet, então também é por isso que a gente fica batendo mais, assim, né? Tipo, porque a gente... Enfim, né? A gente fica com coragem, né? A gente fica muito corajoso que não vai apanhar da pessoa ou a pessoa não tá ali pra você falar na cara dela o que você pensa do produto dela, né? Assim, eu entendo. Mas o que eu queria colocar, é botar o nosso público um pouco mais na berlinda, porque tá muito confortável, né? Nesse sentido, você muda a forma de avaliar o produto artístico quando você descobre que o seu artista preferido ou o seu produto artístico preferido, pessoalmente, na sua vida civil é um canalha ou foi um canalha, foi um cachorro, foi um cretino... Cachorro é ruim de colocar, porque cachorro é maravilhoso.

Orador B: Eu amo cachorro.

Orador A: Porque é o seguinte, cara. Eu tava assistindo, um dia desses, o filme Baby Driver.

E eu fiz uma análise do Baby Driver, que eu tinha assistido já e tal, é maravilhoso... Mas eu resolvi fazer uma análise maior, então eu li o roteiro do Edgar Wright, assisti o filme pausando, pedaço por pedaço, vendo frame por frame, fazendo uma análise mais profunda pra um projeto que eu tô executando. E, aí, cara, eu fiquei maravilhado com o filme. Mais ainda, sabe? Eu falei “Nossa, que massa”, sabe? Porque eu tive uma experiência mais profunda do que só o ouvinte, né? Eu tava como pesquisador em cima daquela obra e fiquei assim “Caramba!”. Achei maravilhoso, o filme, sabe? Mas toda vez que entrava cena com o Kevin Spacey, quando tava rolando a cena com Kevin Spacey, eu realmente dava um passo atrás, sempre. A minha sensação era...

Orador B: Ah, tá. A tua reação, como público...

Orador A: Isso, isso, é. A minha reação como público, a minha emoção de acompanhar a obra, ela dava um passo atrás. Eu não entendia, exatamente, o que acontecia comigo. Eu ficava meio na dúvida se eu devia tá vendo aquilo. Eu não ficava moralmente, porque o produto não é um absurdo, fantástico, assim, que me desse vontade de tomar um banho depois. Mas, ao mesmo tempo, eu ficava meio ali, tipo “ah, eu não sei se isso é bom”. E, aí, ao mesmo tempo, eu pensei no Beleza Americana, que é um filmaço, cara. Filmaço. E, ao mesmo tempo...

Orador B: Que ele tá incrível, né?

Orador A: E tá lá o Kevin Spacey de novo. E o Kevin Spacey foi acusado e eu nem sei a que pé anda as acusações do Kevin Spacey. Eu realmente não acompanhei esse caso. Mas, assim, ele foi escorraçado, tirado do House of Cards, enfim... Rolou todo um processo real, civil com ele, agora, e que um produto que, sei lá quantos anos tem... Brunão, você sabe quanto tempo tem o Beleza Americana? Sei lá, quanto...

Orador B: Cara, tem bastante tempo. Eu acho que é um pouco... Eu acho que é 1999...

Orador A: Noventa e nove, dois mil...

Orador B: É, se não me engano, foi a primeira viagem que eu fiz pro Rio de Janeiro sozinho e que eu tava meio impactado de tá na cidade, grilado mesmo, e tal, e eu não queria passar isso pra minha família, que eu tinha combinado que eu ligaria todo dia. E, aí, eu entrei no cinema e fui ver Beleza Americana. E saí de lá realmente bem melhor, e aí consegui ligar pra minha família e tal. Então, eu acho que foi isso. Se não me falha a memória, foi 99.

Orador A: E vendo esse filme de novo, por exemplo, agora, você... Você, ouvinte, tem uma diferença, uma relação diferenciada, porque você sabe dos casos de problemas com o Kevin Spacey, a sua relação com o produto artístico mudou, por causa disso? Ou isso não deveria acontecer? Sabe, a gente deveria falar “Não, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa”. Uma coisa é o cara ter a vida pessoal dele, é um cidadão civil, que arca com as suas próprias consequências, que seja julgado, enfim... O que acontece com a vida dele, cabe a ele e as pessoas que estão envolvidas nisso resolverem. Eu não vou ficar fazendo julgamento de vidas pessoais do cara, porque eu quero... O produto artístico não é ele, né? O produto artístico é parte dele, também. E, aí, fica nessa moralidade. É claro, eu não tô falando de

situações extremas. Porque eu acho que situações extremas fica difícil, é muito difícil analisar, né? Assim, porque a racionalidade meio que dá...

Orador C: E compromete toda a obra.

Orador A: Exatamente.

Orador B: E dependendo do espaço que o artista tem na obra, né? Porque isso...

Orador A: E é fora da curva, por exemplo, o Michael Jackson é uma coisa meio fora da curva. Que o Michael Jackson não é só um artista, né? O Michael Jackson é uma geração inteira. O Michael Jackson é uma parada maior do que só música, cantor, dançarino...

Orador B: Total, gente. O Michael era tão Michael...

Orador A: Era uma coisa meio fora da curva.

Orador B: Quando ele morreu, eu ficava ligando, sabe, amigo? Eu tava na rua, eu lembro. E tavam transmitindo o enterro. Eu ligava pro meu irmão e falava "O Michael já levantou?". Eu achava que ia rolar Thriller. E ele ia subir do caixão.

Orador A: Era uma outra coisa. Mas a minha dúvida é pro público, vocês sentem isso, o que que acontece... Você, André, tem algum que... Agora a gente vai entrar no bloco de botando lenha na fogueira.

Orador B: Fala pra gente, André... Eu confesso que eu tenho, tá?

Orador A: Eu quero que a gente pense num artista que a gente, hoje, sofre esse problema, que ama a obra, mas que odeia o artista.

Orador D: Então, eu vou começar pelo Kevin Spacey.

Orador A: Ok.

Orador D: Porque eu, até... Não sei o que eu posso dizer, mas, assim, simpatizando com algumas bandeiras feministas, até, eu fico muito incomodado, porque teve todo o movimento "Me Too", né? Que é dessa relação...

Orador B: Sim.

Orador D: Das denúncias de assédio, e o único cara que o assédio que ele cometeu era homossexual é o que foi, tipo, tirado de todos os produtos. E, aí, quando a gente vê os outros que foram denunciados por mulheres, parece que eles não foram tão execrados quanto o Kevin Spacey. Eu não sei se vocês perceberam isso, também.

Orador B: Perfeito! Ah, André, você é demais!

Orador A: É por isso que a gente chamou ele, cara!

Orador B: Cara, é muito importante você falar sobre isso. Eu ia falar do Zé Mayer, só pra falar...

Orador D: Eu também sou muito fã dos filmes que o Kevin Spacey participou e via House of Cards... E, curiosamente, eu não vi nada depois depois acusações, em que ele está, para dizer assim “Ah, como eu reagiria”. Porque eu realmente não sei. Eu não tive essa experiência, ainda. E é muito fácil eu falar, né?

Orador A: Assiste Baby Driver, cara.

Orador D: Pode ser... Porque eu acho que é muito confortável a gente falar desse lugar, assim, tipo “Ah, talvez, não me afete e tal”. Mas eu não sei, porque eu não vi ainda, né? E como é que eu vou me relacionar com esse produto agora. Mas, curiosamente, até eu acho que eu comentei no grupo que o Reineken participa, que, aqui na minha cidade, teve o show do Lobão. E a gente tava entre amigos e tal, que teriam ingressos pra assistir o show do Lobão e ninguém tava querendo assistir o show do Lobão porque, obviamente, né? O cara foi um escroto.

Orador A: O Lobão é o Lobão.

Orador D: E eu tava nessa, nessa relação... A gente foi... A gente não ia e, no fim, a gente acabou indo porque “Ah, a gente não tem mais nada pra fazer, sábado à noite enfim... É um show, né... De graça...”

Orador B: Devia tá barato, né?

Orador D: Não paguei pro Lobão, então tá tudo bem... Mas... Quando ele tava fazendo a performance, né? Cantando e contando as histórias, assim, eu não consegui me colocar nesse lugar ou... E eu não conseguia colocar o Lobão lá, da rede social, falando aquelas barbaridades, no cara que tava ali se apresentando, contando as histórias dele com o Cazuzu e dele com outras pessoas que eu também admiro, cantando músicas, cantou música do Cazuzu, cantou música do Legião Urbana. Então, ele trouxe um produto artístico que questiona muita das coisas que a gente tá vivendo, hoje... Ele também, hoje em dia, questiona, né? Porque, eu acho que não faria nem sentido não questionar, mas...

Orador C: Claro, claro.

Orador D: E, se coloca nesse lugar, talvez de transgressor crítico, mas que não sei. Naquele momento, eu ficava sempre com um pé atrás, assim... Tipo, ah... Ele falou que ia cantar uma música que ele tinha... Que ele tinha composto recentemente pra falar sobre as coisas que estão acontecendo. E eu fiquei o tempo todo com aquela... Empertigado, assim, né? Com aquele pé atrás, ouvindo aquela música, tentando entender, tentando ver o subtexto daquilo, de que mensagem que ele tá tentando trazer, que, pra mim, no fim, pareceu principalmente de enganos que se comete, sobre as coisas que a gente pensa das pessoas, mas é sempre naquele lugar estranho, assim, de que a qualquer momento ele ia trazer uma opinião muito esquisita, e política...

Orador B: Torta...

Orador C: Eu vejo várias vertentes de desprestígio. Quando eu escuto o André falar nisso, eu penso na questão do que faz a gente desprestigiar alguém depois de uma atitude que essa pessoa tenha tido, né? Uma coisa é você ver um meme do Roger, do Ultraje a Rigor, ao lado do Presidente da República, com a frase “A gente não sabemos escolher Presidente”, que é uma alusão a música deles da década de 80. Isso causa, primeiro, um riso, uma identificação pela... pela melodia, pela proposta da música, e casa. Casa muito bem. Mas o nosso desprestígio é um desprestígio mais bem humorado do que de fato ultrajante, sabe?

Orador B: Falando de Ultraje a Rigor, né?

Orador C: É um discurso que vai mais pela onda do meme do que de fato querer parar de consumir o Roger, sabe? Até porque o Roger nunca foi... Ele é um artista respeitado, ele tem o seu talento, enfim, um artista...

Orador B: Um cuzão, um cuzão.

Orador C: É, mas aí acaba que fica bem assim... A sensação que dá, a grosso modo, é bem assim “Ah, gente é mais uma do Roger”. Sabe? Dá essa sensação. Por exemplo, quando eu vejo entrevistados que eu gosto no programa do Danilo Gentili, eu tenho uma decisão de não assistir. Eu vou esperar o entrevistado que eu gosto ir para um programa de alguém que eu admire, pra que eu possa ver. Às vezes, coça, às vezes, rola curiosidades e tá ali, é fácil na internet... Mas é uma questão ideológica. Não ver o programa do Danilo Gentili porque eu não admiro este homem.

Orador B: Tá vendo, Josuel... Você também...

Orador C: Não, mas é porque...

Orador B: Você também fica chateado!

Orador C: É, mas, aí, é uma questão, também, que a gente tem que entender que é um poder de decisão.

Orador B: Claro.

Orador C: O poder de decisão. Eu decido não ver os entrevistados que eu gosto no programa do Danilo Gentili. Se eles tãõ na onda, eu vou esperar um outro entrevistado. Então, tem maneiras e maneiras do desprestígio. O Roger, a gente vai na brincadeira. Eu, no caso Danilo Gentili, já vou porque... “Ah, não tem condição ideológica”.

Orador B: Não, e pra mim junta tudo, porque o Roger toca no programa do Danilo Gentili.

Orador A: é, eu tava até esperando você falar que ele também cantava no programa, porque ele, pra mim, não toca, nem canta. O Roger, pra mim, é um embuste. O Roger, pra mim, é um engodo, é um artista cusão que nunca fez porcaria nenhuma e eu vou falar agora alto nessa porra pra deixar isso claro. Eu odeio aquela merda daquele cara.



Orador D: O Reinecken tá querendo viralizar o trabalho de mesa.

Orador A: O Lobão tem coisas que foram feitas na década de oitenta e noventa e que elas tão bem feitas, naquela época, sabe? Elas foram bem feitas. Pra mim, eu realmente não gosto... Brincadeiras à parte, mas eu realmente odeio, cara, as composições e as músicas do Roger. Eu acho... Eu acho realmente Ultraje a Rigor o topo do final, acho uma bosta, mesmo. Pessoalmente, acho uma bosta. Mas, eu acho essa letra e essa música, essa só, porque a única música boa que eles têm... E nem é música boa. A letra, em relação a melodia, ela é inteligente...

Orador B: Tem uma ironia...

Orador A: Ela é inteligente. Eu acho... Eu acho irônico, eu gosto. Mas tem um monte de merda. Nós Vamos Invadir Sua Praia, Pelados, Pelados... Tem um monte de bosta, se você vai ver. É ruim, sempre foi ruim. Não é porque antes você gostava. Pra mim, sempre foi ruim. Naquela época, era ruim também. Sempre achei ruim. Nunca achei bom. Achei sempre “Caralho, que bosta!”.

Orador B: Parece que o LP dele, tudo era lado B... Todo.

Orador A: É tipo isso. E ao mesmo tempo, na hora que você vai consumir, porque você tem um saudosismo, porque você tem essa relação, sempre rola aquela coisa, sabe? Que dói, assim que, tipo, “aí, não sei se eu posso ir e tal”. E, aí, agora, eu queria fazer uma pergunta para vocês se a gente já entra no Zé Maia Qual é o ídolo que vocês têm agora qual é o hino que vocês, se a gente já entra no José Mayer... Na verdade, a pergunta é, qual é o ídolo que vocês têm, agora... Qual é o ídolo que vocês têm, agora, que vocês não podem acreditar, vocês não querem que aconteça nada, porque vocês não dariam conta de administrar a ideia de que ele poderia ser uma pessoa ruim...

Orador C: Fernanda Montenegro.

Orador B: Eu também, Fernanda. Eu ia ficar arrasado. E eu acho que eu confesso que eu tenho uma admiração tão grande, que eu ia, talvez, se fosse possível, pôr um pano quente, eu colocaria, por gostar muito, mesmo. Inclusive, eu vi uma entrevista dela com Lima Duarte e com a Laura Cardoso, maravilhosos, né? E, aí, tão eles falando assim “Mas Fernanda, nunca te mataram?” Essas notícias falsas, e tal. Aí, a Fernanda “Não, eu nunca morri”. E a Laura “Poxa, eu morri três vezes”. E seria uma figura que eu teria... Que eu teria medo de morrer, assim, pra mim, também. Fernanda...

Orador C: Por uma questão de representatividade artística, por uma questão de representatividade intelectual...

Orador B: Total...

Orador C: E por uma questão de posicionamento, mesmo. Posicionamento de vida...

Orador B: E tenho uma coisa... Eu tenho uma coisa muito pessoal, que quando ela veio aqui a Brasília, fazer um workshop de leitura dramática, e eu sou uma pessoa que gosta muito de

texto... Caraca, velho... Ela, nossa! Que leitura incrível, que coisa incrível, que, aí, também te pega numa parada que pra você é de brio, né? E, aí, nossa... Eu ia ficar arrasado também.

Orador A: Engraçado vocês falarem da Fernanda Montenegro. E a gente não combinou isso, porque a gente nem combinou isso na pauta, isso foi improvisado mesmo. Eu realmente também pensei na Fernanda Montenegro, que seria uma figura de representação. Teatro, atriz, artes cênicas, brasileira... E que tem uma postura pessoal, na vida, e sempre teve, ao longo da vida, é uma senhora que carregou, cara, todo mundo nas costas. Onde ela botava a mão, a parada vira ouro, e onde ela vai, a coisa fica melhor e respeitável. E, assim, cara, ela deixou, né? A filha, que também é outra maravilha.

Orador B: Maravilhosa!

Orador A: Tudo, cara. Tudo! A mulher é uma deusa, que onde ela põe a mão, a parada fica ouro. Então, tipo, se eu soubesse uma notícia da Fernanda ou eu descobrisse, visse ela sendo uma pessoa ruim, eu, cara... Eu ia ficar muito arrasado, porque eu não saberia lidar com a tamanha paixão que eu tenho por ela, com tudo, com o problema dela ser uma mau-caráter, mau-caráter, sabe? Eu ficaria, assim, realmente... E a outra, que é mais bizarro ainda, seria o Steve Howe, do Yes. Porque eu não conheço nada da vida pessoal dele, hoje. Tipo, nada. Eu só sei do produto artístico que eu amo. Então, assim, eu nem procuro saber da vida pessoal pra também não incomodar.

Orador B: Pra não passar por isso, né?

Orador A: Porque eu não sei nada, eu nunca fui tiete do cara, eu nunca fui tiete do cara, eu não sei, tipo, quantos anos ele tem, eu não sei onde ele nasceu, não sei nada. Mas eu amo todos os discos que ele gravou e eu amo os discos do Yes que ele toca. Pra mim, ele é o melhor guitarrista de todos os tempos, eu adoro o produto artístico num determinado nível de paixão que se eu descobrisse que ele é um canalha, cara... Eu ia ficar muito deprimido. Porque faz parte da minha vida.

Orador B: Migo, você mentiria pra você mesmo?

Orador A: Eu ia... Eu ia fingir que não é verdade, eu ia acusar as pessoas que acusam ele. Eu ia excluir, bloquear no Twitter todo mundo que fala mal dele. Porque não é possível, sabe? Eu ia ficar muito mal, cara.

Orador B: Eu tenho uma pergunta pra Josuel. Josuel, se Fernandona fizesse alguma coisa com Regina Duarte, você assistiria?

Orador C: Assistiria, assistiria. Assistiria, porque não tem mais remédio, gente. Não tem mais remédio.

Orador B: E pra salvar Regina... Pra salvar Regina, só Fernanda.

Orador C: Elas nunca trabalharam juntas...

Orador B: Nunca. Porque será?

Orador A: É verdade. E fala, André, o seu...

Orador D: É... Na verdade, tem vários níveis. E, assim como o Reinecken, eu geralmente não vou atrás da vida pessoal dos artistas que eu admiro.

Orador A: Psicólogo, né? É melhor não ir, mesmo.

Orador D: Ah, sim...

Orador B: Deixa eles irem atrás de você, né, André?

Orador D: E... Eu vou, também, dar duas pessoas... E uma é da música e outra é do cinema brasileiro. Do cinema brasileiro, eu gosto muito do Jorge Furtado, desde a primeira vez que eu vi Ilha das Flores na escola, até, assim... Eu consumo os filmes dele, eu acho fantástico e tem essas relações, né? Ele trabalhou com a Fernanda Montenegro e a filha, a Fernanda Torres, né?

Orador C: Isso.

Orador D: Também são obras fantásticas e eu gosto muito. Eu não sei nada da vida dele, pretendo não saber...

Orador B: Ele é legal, ele é legal, André. É um cara legal, um cara legal.

Orador D: Ah, ele é legal? Que bom. E eu acho que, nas obras dele, traduz algumas coisas nesse sentido de discussão social, enfim, que eu gosto muito, assim. E da música, assim... A banda da minha adolescência, né? Foi Pato Fu. E eu adoro... Adoro muito o trabalho deles, tudo o que eles fazem, na verdade. Teve uma coisa que me doeu o coração, de não ter conseguido ver, que foi uma peça que eles musicaram, que era sobre Alice no País das Maravilhas. E é uma coisa, que, assim... Um dos vazios da minha vida, em termos artísticos. Mas eu gosto muito. E a Fernanda e o John, eu acompanho no Instagram. E eles tem se mostrado muito bem. Eles tão ótimos.

Orador C: É possível ser coerente com a sua arte e é possível ser coerente com a vida, também, né?

Orador B: Agora, Pato Fu... Claro, né, gente? Eu já falei de gosto, aqui. Mas quando Pato Fu surgiu, eu achei que eles iam ser, tipo, pra mim, os Novos Mutantes, assim, saca?

Orador C: Mas eles meio que foram, né?

Orador B: Foram... É que a expectativa era só minha, mesmo.

Orador A: Eles tem uma carreira muito diversificadas, eles tem músicas muito diferentes, uma das outras, né? Eles não fizeram um movimento de estilo, eles tem vários estilos.

Orador B: Exato, exato. Isso aí, eu sei que a frustração é toda minha, assim...

Orador A: E, cara, a Fernanda Takai escrevia no jornal, né? Ela escrevia, acho que no jornal de Brasília...

Orador D: Sim, ela tinha uma coluna.

Orador A: Cara, eu falo que a Fernanda Takai é a Fernanda Montenegro nova. Ela vai ser a Fernanda Montenegro quando ela ficar velha. Porque ela realmente, também... Onde ela põe a mão, tudo fica bom, cara.

Orador C: Olha aí.

Orador A: Ela tem talento, sim. Ela faz... Ela resolve fazer um livro, o livro é foda. Ela resolve falar de jornal, aí as reportagens são fantásticas. Ela é muito... A Fernanda Takai, eu sou fã, também.

Orador B: Eu identifico isso sabe em quem, gente? Na nossa parceira, Ana Flávia Garcia. Que é uma artista autora. E, aí, o que ela tiver que pesquisar e fazer para defender a criação, ela vai. Eu acho isso muito incrível, também, assim, né? De uma capacidade em favor de defender bem aquilo que você pensa e quer compartilhar com o outro, que eu acho show.

Orador A: E você, ouvinte... Qual é o artista que você realmente não pode ouvir falar de uma notícia que ele se transformou, ela se transformou, numa pessoa ruim, deplorável, desprezível, que você realmente iria sofrer, porque você não está preparado pra ouvir uma má notícia dessa pessoa? É o Spielberg? Se você descobrisse que o Spielberg, na verdade, é um grande crápula, o que você faz com essa informação?

Orador C: É verdade...

Orador A: Ou se você descobrisse que o George Lucas resolveu pegar os filmes dele e refilmar? Opa, não, isso já aconteceu... Mas enfim...

Orador D: Nesse caso, eu consigo separar a obra do artista...

Orador A: Manda pra gente no bilheteria@trabalhodemesa.com, as suas impressões. Procura a gente nas redes sociais, pra, também, mandar... Twitter, Instagram, Facebook, eu acho que ainda existe, não sei quem acompanha aquilo lá... Mas tem, lá, também... Tem o twitter que a gente realmente tá tentando usar, a nossa equipe fantástica de divulgação e mídia... E queria, também, pedir a vocês, pessoas daí, da mesa, daqui e André, que está falando de outras localidades, mais alguma questão, mais alguma pergunta? Mais alguma fala? Sentem necessidade de alguma coisa pro nosso ouvinte?

Orador C: Eu sinto que não, eu sinto que a gente deu uma amarrada bem gostosa, até, sabe?

Orador B: Eu queria ouvir do André que ele não tá magoado comigo...

Orador A: Nem do Zé Mayer?

Orador B: O Zé Mayer, na verdade, é porque quando o André falou dessa questão das conquistas, enfim, da mulherada nos tempos atuais, né? Toda essa questão da sororidade, de uma nova visão do feminismo, de quebrar esse olhar de que as mulheres são concorrentes, né? E que elas têm que estarem unidas, cara, que qualquer questão, pra mim, pessoalmente, que chegue nesse ponto, que fere essa luta diante dessa sociedade escrota do patriarcado, no qual a gente tá inserido, eu.. Eu vou achar desprezível e graças a Deusa, que a gente tá num momento em que esse tipo de comportamento será punido, né? Então, são tipo de questões que eu... Eu não consigo voltar atrás.

Orador C: É, bem difícil, mesmo.

Orador B: Então, José Mayer, vamo agora cuidar da cria, né?

Orador C: O meu medo é da gente se tornar um pouquinho preconceituoso, também. Eu sei que dá muita raiva e dá. E a gente fica saciado com o que é feito em cima da questão do Zé Mayer por uma questão de vingança, também, rola...

Orador B: Ah, sim... Mas assim... Foda-se Zé Mayer, foda-se! Grandão.

Orador C: Só pra gente ter uma consciência que o produto artístico, no caso do Zé Mayer, ele também foi... Ele foi alterado, né?

Orador B: Isso, total.

Orador C: Por exemplo, uma novela do Zé Mayer que passa ser reprisada, ela é reprisada normalmente, mas ele não... Ele também não é incluído dentro daquela linha de divulgação...

Orador B: Total.

Orador C: E se for em rede aberta, as cenas dele são suprimidas ao máximo, contanto que não afete a dramaturgia.

Orador B: Menino, você viu quando... Agora, só uma polêmica, antes da gente ir embora... O The Voice Kids, tinha uma dupla lá, sertaneja, que o cara agrediu a esposa grávida, e ele tá no The Voice Kids, gente! Pelo amor de Deus!

Orador C: Mas aí cortavam as cenas dele toda hora.

Orador B: Total! Era a dupla e só mostrava o irmão dele, parte disso e logo depois tiraram, né? Então, nesse sentido, eu acho sim...

Orador C: É meio fórceps, mas precisa.

Orador B: Precisa. Foda-se que é vingança. Mas vai deixar de soltar na casa do caralho.

Orador A: Imagina, então, gente, uma obra... Uma obra de arte, um filme nacional e internacional, tocado pelo Steve Howe, Led Zeppelin, com a Fernanda Montenegro fazendo a Regina Duarte, e o Roger com o Lobão cantando atrás...

Orador C: E a Takai fazendo a trilha...

Orador B: Ai, gente, desculpa. Eu gritei, rindo, agora... Mas é porque eu não aguentei.

Orador A: E dirigido pelo Zé Mayer.

Orador C: Nossa!

Orador A: Vai ser difícil...

Orador A: Então, é isso, gurizada. André, você quer falar mais alguma coisa, quer sentir, falar, reclamar, dizer...

Eu só queria, talvez, deixar a reflexão que muitas vezes, e talvez apareceu bastante na nossa discussão, o quanto que, quando a gente tá criticando a pessoa pelas obras... Independente das obras, principalmente por causa das coisas ruins que ela faz, critica a obra porque a pessoa faz alguma coisa, será que é a nossa relação com a obra de ser em si, que tá falando mais alto, ou é o nosso... A gente já não tem tanto apreço pela obra artística ou pelo produto artístico de uma forma um pouco mais geral... Até, quando você falou do ataque que existe principalmente dos governantes atuais a obra artística, me parece, também, um pouco de cercear alguns tipos de pensamentos mais críticos, até porque você fez a remontagem, até lá no bobo da corte, e o próprio bobo da corte também já criticava, né?

Orador C: O sistema...

Orador D: E como aquilo tava acontecendo. Então, não sei. Mas é pra pensar isso mesmo.

Orador B: Mas é uma ótima reflexão, porque exatamente... Ele fazia isso por saber que o rei não era capaz de entender a ironia que tava contida, né? Nessa própria ação. E esse é o poder, até, da comédia. Mas, realmente, tem um esvaziamento sim, tem uma tentativa de esvaziamento sobre o fazer artístico e sobre o artista, né? Isso, aqui, no momento, no Brasil, é inegável.

Orador A: E tem uma última questão, também, que eu gostaria de colocar... É que, também, isso é muito vinculado ao marketing do produto, também, né? Pra coisa poder ficar mais falada, mais... Né? Às vezes, não é... Às vezes, a coisa tá sendo acusada e é uma acusação, só. Tipo, levantou-se uma notícia que, talvez, fulano tenha feito... Uma fulana tem agido mal. E, aí, já vira notícia que ela já é, já começam a levantar tudo... E a gente, também, não dá tempo de julgar, de ver se realmente aconteceu, antes de sair dizendo que não, né? Não é... Não é dizendo que não se deve fazer. É tipo.. Se precisa se investigar, então que se investigue, faça todos os processos legais pra que a coisa seja punida, julgada e depois, efetivamente, punida, né? E não sair fazendo uma justiça social na internet, no sentido muito... Tipo, leu a manchete da notícia, já sai compartilhando e já sai julgando e já sai deletando os arquivos do computador. Nunca mais vou assistir esse cara, e tal... Calma...

Orador D: E tem mais uma coisa que eu queria falar, se me permitir...

Orador A: Claro.

Orador D: Que eu acho que isso é um grande problema, e é uma coisa que eu venho debatendo... Às vezes, eu joga algumas coisas no Twitter sobre isso, porque a gente se preocupa mais em punir ou criticar a pessoa e não a ação. E o problema não é a pessoa, né? E, psicologicamente falando, muitas vezes, se a gente desse mais atenção ou mais... Se a gente gastasse mais energia em tentar punir ou prevenir esse tipo de ação, acho que a gente chegaria num lugar muito mais longe do que a gente ficar colocando isso na pessoa, né? A gente acaba atribuindo ao essencialismo, benéfico ou maléfico, na pessoa que não ajuda a gente a resolver a questão. Pelo menos, nos estudos que a gente tem na psicologia, não ajuda. Eu acho que a gente tem que trabalhar mais em condenar as ações que são execráveis.

Orador B: Perfeito!

Orador A: Por isso que a gente trás essas pessoas aqui, cara! O André...

Orador B: Eu quero uma gravação do André pra eu dormir, cara, nessa tranquilidade.

Orador A: O André tem carteirinha, já. Ele é dono do clube, aqui no Trabalho de Mesa.

Orador C: Se não, o nosso programa, hoje, ia parece programa do Nelson Rubens.

Orador A: Bom, gurizada. Eu acho que a gente quase tentou, falar sobre todas as coisas que a gente levantou... Não respondemos nada, só levantamos perguntas... Na verdade, nem perguntamos tanto, só brigamos mesmo e xingamos... Na verdade, o nosso objetivo é fazer com que você, público, questione, também, e pense, se vamos falar mal dos produtos artísticos, não sei... Calma, espera... Mas, ao mesmo tempo, reflita, quem é o grande artista... Que o objetivo final, pelo menos meu, desse programa é fazer com que você pense quem é o seu produtor artístico que você tanto ama, que você não quer que se descubra nada e se apaixone mais ainda por aquele produto? Na verdade, esse programa, foi até uma desculpa pra falar bem da Fernanda Montenegro.

Orador B: Vamos mudar o nome do programa?

Orador A: Então, gurizada, é isso. Muito obrigado a todos que nos acompanharam até esse momento, não deixe de entrar em contato no bilheteria@trabalhodemesa.com. Trabalho de Mesa nas redes sociais, nos sigam nos instagrans da vida... A gente tem Twitter... E, cara, o Instagram é muito legal, porque tem bastante coisa que o pessoal posta... Ele é gerenciado por uma equipe maravilhosa, que toma conta das nossas questões de divulgação, então eles fazem enquetes, eles fazem perguntas... Então, vai lá, dá uma conferida, vê o que tá rolando, deixa seu comentário, deixa... Manda a sua DM, mande seus nudas pro Obregas, que ele vai agradecer. E... Não, mentira, manda não, gente! Tô brincando. Desculpa, Obregas... Mas, entra em contato, que a gente quer saber o que você pensa. Eu agradeço muito, muito, muito, muitíssimo a presença do André, aqui, dele ter descido lá de cima, das asas dos dragões pra vir no porão das artes...

Orador D: Na verdade é tudo um do lado do outro, é tudo um cantinho.

Orador B: Essa questão imaginária, André, só pra dizer o quanto a gente sabe que tu tá lá em

cima, tá?

Orador A: A gente fica muito feliz, e é uma grande honra receber algum integrante dos dragões aqui nessa... Nessa nossa pequena e singela garagem no subsolo do Trabalho de Mesa, e sentar aqui a mesa do nosso Trabalho de Mesa. Então, muito obrigado a todos que nos acompanharam até esse momento, e eu gostaria de pedir encarecidamente a todos, que por favor, entrem em contato. Um beijo e até mais.

**Fim da Transcrição 01:39:08**